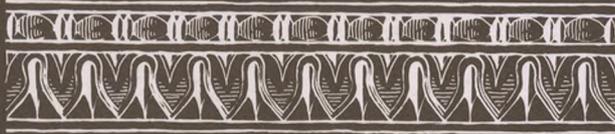


UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUMES XXXII-XXXIII-1993/94

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CLEMENTINO AMARO

Chefe de Divisão do Departamento de Arqueologia do IPPAR

MARIA TERESA CAETANO

Técnica Superior do Gabinete de Estudos de Arqueologia,
Arte e Etnografia da Câmara Municipal de Sintra

**BREVE NOTA SOBRE O COMPLEXO FABRIL ROMANO
DA RUA AUGUSTA (LISBOA)**

«Conimbriga» XXXII-XXXIII (1993-1994), p. 283-294

RESUMO: Esta breve nota pretende apenas divulgar o primeiro mosaico identificado “in situ” no centro histórico de Lisboa, prestando-se, assim, uma simples homenagem ao professor Bairrão Oleiro pela colaboração prestada a Maria Teresa Caetano.

No mosaico, na área já escavada, destacam-se dois painéis e uma trança policromática de dois cabos sobre fundo escuro. A cronologia proposta é a segunda metade do século III.

Numa primeira parte, Clementino Amaro descreve e caracteriza em traços muito gerais e ainda provisórios o sítio arqueológico, já que os trabalhos serão concluídos em meados de 1995, seguindo-se o estudo integral do espólio e do acervo documental.

RÉSUMÉ: On prétend, avec ce travail, divulguer la première mosaïque trouvée “in situ” dans le centre historique de Lisbonne et remercier, aussi, le Professeur Bairrão Oleiro pour la précieuse collaboration à Maria Teresa Caetano.

La mosaïque déjà fouillée est constituée par deux panneaux et une tresse à deux couleurs sur un fond foncé; la chronologie proposée est la seconde moitié du III^{ème} siècle.

Dans la première partie du texte, Clementino Amaro décrit et caractérise brièvement le site archéologique, une fois que les travaux ne seront conclus que vers la moitié de l’année 1995.

(Página deixada propositadamente em branco)

BREVE NOTA SOBRE O COMPLEXO ROMANO DA RUA AUGUSTA (LISBOA)

1. O sítio arqueológico

A actual Baixa Pombalina, onde pontuam claramente os eixos viários e quarteirões dispostos ortogonalmente, dando um cariz uniforme ao conjunto urbanístico, não está mais do que a camuflar, desde há cerca de dois séculos a esta parte, uma outra realidade muito mais condicionada pela paleogeografia do sítio.

Desde épocas proto-históricas que o primeiro núcleo urbano se espria até ao rio Tejo e a um importante braço de rio que entrava pela actual Baixa até cerca do Rossio/Praça da Figueira, zona onde confluía a ribeira de S. Sebastião, vinda pelo vale de Picoas, Santa Marta e Portas de Santo Antão e a de Arroios, vinda ao longo da antiga estrada de Sacavém (hoje Avenida Almirante Reis), até ao Martim Moniz, local onde ainda em 1562 é construída uma última ponte de pedra (Silva, 1948), sobre o que já seria nessa altura um caneiro (Fig. 1).

Junto à base da colina do Castelo, numa área de restinga - ancoradouro bem protegido dos ventos do Norte e onde é fácil varar as embarcações - vão-se gradualmente instalando actividades portuárias pelo menos a partir do século V a. C., de acordo com os primeiros dados obtidos nas escavações ainda a decorrer em prédios destinados à futura agência central do Banco Comercial Português (BCP) na rua Augusta e a que esta breve nota se irá referir (!). Está aqui a ser identificado um

(>) A dr.^a Jacinta Bugalhão é, conjuntamente com o autor deste artigo, responsável científica da estação.

conjunto ainda indeterminado de compartimentos de planta rectangular e com lareira central estruturada com seixos rolados. Os materiais cerâmicos associados representam os séculos V e IV a.C. Decorre a escavação da estrutura de um forno com fragmentos de ânforas associados. Este importante achado virá, tudo o indica, reforçar a hipótese ainda em aberto de terem existido no actual território português fábricas de salga de peixe no Período Púnico.

Após um período de forte transgressão fluvial que depositou uma volumosa camada de areia sobre as estruturas da Idade do Ferro, esta camada vai ser utilizada como necrópole atribuível, provisoriamente, ao Período Republicano.

Há já indicadores que apontam para a instalação gradual, a partir de meados do século I d.C., de núcleos fabris de preparados piscícolas junto à margem do Tejo (Casa dos Bicos - Fig. IA), e ao longo do Esteiro, onde já foram assinalados quatro locais, (Fig. I, B, C, D, E) o que permite avaliar da real extensão e importância económica desta actividade, vocacionada para a exportação a longa distância (Amaro 1994).

Esta frente ribeirinha de dispersão de centros industriais de conserva de peixe apresenta actualmente uma extensão de cerca de 500 metros ao longo do rio Tejo até cerca do primeiro terço do esteiro (Fig. 1), de acordo com a implantação, necessariamente ainda esquemática, na planta da Baixa Pombalina ⁽²⁾.

Os trabalhos arqueológicos de salvamento, iniciados em 1991 em três prédios e que se alargaram à restante área de intervenção, estão a revelar o complexo industrial de preparados piscícolas mais vasto e que melhor caracteriza até ao momento esta importante actividade económica no estuário do Tejo (Fig. 2).

O período de laboração deste tipo de fábricas nesta região foi longo e, com base nos dados cronológicos já identificados, terá entrado em declínio e mesmo encerrado durante a 1.^a metade ou meados do século V d.C. Este amplo período de produção conserveira até ao momento da sua decadência - com as necessárias reestruturações arquitectónicas, restauros, adaptações e momentos de suspensão de actividade, denunciadores de diferentes fases de laboração -, foi igualmente verificado no estuário do Sado (Silva, 1987 e Etienne, 1994). Estes dois

⁽²⁾ O desenho é da autoria de Armando Sabrosa, Ana Nunes, José Luís Monteiro e António José Cruz.

estuários dominam inegavelmente a produção de salga e de molhos de peixe, ao nível da grande exportação destes preparados, no nosso território.

Ao longo da sua existência sofreu este complexo fabril inevitáveis reestruturações, com realce para uma que terá ocorrido pela segunda metade do século III e que envolveu igualmente a área privada. Uma das estruturas complementar à área industrial já em parte escavada é constituída por uma área de banhos e onde se destaca o primeiro mosaico “in situ” identificado no centro histórico de Lisboa e que será tema de uma breve análise um pouco mais adiante.

O acesso à fábrica, para além de ser feito por via fluvial, era igualmente assegurado por um eixo viário que passava a NE do criptoportico (de acordo com o esquema viário proposto por Mantas, 1990) e do qual foi identificado um troço a SO da zona de banhos (Fig. 1,1).

Um dos eixos viários nesta zona ribeirinha terá sofrido obras, pelo menos de beneficiação, também na segunda metade do século III, tendo como referência o miliário do imperador Probo, recolhido na Casa dos Bicos em 1982. No entanto, uma leitura mais atenta resultante da evolução das escavações junto do troço de via detectada no BCP, levamos a propor que este eixo viário já remonte a meados do século I d. C. (Amaro, 1994).

Do sector fabril propriamente dito, registam-se, no momento em que se ultima a fase de escavação, cerca de três dezenas de tanques de salga de diferentes dimensões, apresentando alguns deles marcas de alteração da sua capacidade, por subdivisão, e, muito provavelmente, das suas funções, já no Baixo Império. Neste imbricado de tanques, reconhecem-se três áreas de pátio, tendo um deles ainda bem estruturada a porta de comunicação com um corredor, junto a um dos seus topos e que dá acesso a uma fiada de tanques. Próximo do muro de delimitação da fábrica, do lado da rua dos Correeiros, regista-se a presença de um poço de abastecimento de água salobra, de planta circular.

A área de tanques desenvolve-se sob a rua Augusta, o que inviabiliza o reconhecimento da planta geral do complexo fabril.

Identificaram-se importantes testemunhos da última fase de laboração da fábrica, bem como do período de abandono, particularmente no interior dos tanques. Assim, recolheram-se, em alguns deles, amostras da camada de espinhas e escamas que subsistiu no fundo daqueles. Noutros casos identificou-se o derrube da cobertura, constituída por *tegula* e *imbrex*. Foi igualmente exumado um conjunto signi-

ficativo de ânforas tardias e que representam as formas produzidas nos fornos do Porto dos Cacos e da Quinta do Rouxinol.

Num dos tanques procedeu-se à recolha de um significativo conjunto de cerâmica, em grande parte completa, sob o derrube da cobertura e que foi utilizada na preparação de molhos e pasta de peixe, como o evidenciam as marcas de fogo e de uso. O conjunto integra exemplares de potes, frigideiras, tijelas, panelas e almofarizes.

A fábrica apresenta uma orientação NE/SO, concordante com a orientação do esteiro da Baixa, na época romana. No entanto as estruturas da Idade do Ferro apresentam uma orientação totalmente concordante com a actual Baixa Pombalina. Pode-se porventura conjecturar e os estudos geológicos em curso eventualmente clarificar, que por alturas dos séculos V e IV a.C. o esteiro teria um maior caudal, ou que nos séculos seguintes se terá dado uma alteração de correntes fluviais, levando a que se desse uma grande deposição de areia, com o conseqüente prolongamento da restinga. O acesso ao esteiro e a sua capacidade de navegabilidade continuam a fazer-se, agora com menor amplitude, junto à base do morro de S. Francisco e por alturas da actual rua do Ouro (Fig. 1).

A área dos banhos, bem como de outras estruturas de apoio, situam-se imediatamente a SE da fábrica e o acesso àquelas, para quem vinha do exterior, deveria fazer-se pela via já referenciada.

O espaço balnear é composto por uma sala pavimentada a *opus tessellatum* e por três pequenas piscinas (*alvei*). Este conjunto deverá corresponder à zona do *frigidarium*. Uma delas apresenta dois degraus de acesso e uma abertura para descarga de águas, junto ao fundo e em sentido NO. A sala apresenta igualmente degraus de acesso às duas piscinas anexas (Fig. 2a). Este conjunto denota algumas semelhanças formais, embora noutra escala, com a zona do *frigidarium* das termas de Tróia, igualmente anexas à fábrica (Etienne, 1994).

Neste momento assenta ainda um forno setecentista de tratamento do ferro directamente sobre parte do mosaico, estrutura esta que após a conclusão do seu levantamento será desmontada.

Encontra-se neste momento já em fase de integração e de musealização a sala pombalina que enquadra o mosaico bem como toda a área respeitante ao sector fabril.

2. Mosaico: breve estudo analítico e comparativo

Durante a escavação de um compartimento abobadado, voltado à Rua dos Correeiros, e após a remoção das lajes calcárias do pavimento, foi imediatamente localizado, no lado oeste da sala, uma estrutura circular que revelou tratar-se de um forno de tratamento do ferro construído na fase inicial da edificação deste prédio pombalino. Refira-se, ainda, que no lado oposto, existiam vestígios de uma irregular calçada de acesso a este. Numa primeira análise, poderemos considerar que esta estrutura industrial setecentista terá sido desactivada na segunda metade do século XIX.

A continuação dos trabalhos arqueológicos permitiu pôr a descoberto abundantes estruturas datáveis da época romana, assim como um mosaico parcialmente destruído pelos alicerces do forno. De facto, durante essa mesma intervenção veio a constatar-se que o pavimento musivo integrava um estabelecimento de banhos, ficando, aliás, contíguo a dois pequenos tanques, cujo revestimento a *opus Signinum* cobre parte da moldura do mosaico (fig. 4).

DESCRIÇÃO

Moldura [descrita de fora para dentro]:

Larga banda (a branco); filete simples (a negro); faixa (a branco) ornamentada com diamantes denteados (alternadamente a branco e negro; a vermelho e a amarelo); seguindo-se uma trança com múltiplos cabos (a amarelo, branco e vermelho, sobre fundo negro); um filete triplo (a branco); e uma trança de dois cabos (a amarelo, branco e vermelho, sobre fundo negro), a qual também contorna os dois painéis, parcialmente visíveis, do campo. No lado dos tanques, a moldura apresenta distinta ornamentação, sendo esta constituída, apenas, por uma larga banda (a branco) ornamentada por um meandro de suásticas, formado a partir de uma trança de dois cabos (a amarelo, branco e vermelho, sobre fundo negro).

Campo [o campo deste mosaico é, como referimos já, composto por - ou subsistindo apenas - dois distintos painéis]:

Painel A (fig. 5): após um filete triplo (a branco) e um outro simples (a negro) que delimitam o quadro, surge-nos sobre fundo branco - apenas sugerida, devido à sua quase total destruição - uma composição ortogonal de quadrilóbulos de peitas, (a amarelo, branco, negro e vermelho), em redor de quadrados com nós-de-salomão inscritos (a ama-

reio, branco, negro e vermelho) e quadripétalas tangentes (a branco, negro e vermelho) e diamantes denteados (a amarelo, branco, negro e vermelho) nos intervalos.

Painel B (fig. 6): composição ortogonal de linhas de meandros de suásticas (a negro) com volta simples, com pequenos quadrados (a negro e vermelho) apresentando inscritos quadrados (a branco) sobre a ponta.

PARALELOS

Para este mosaico, e por ora, apenas procurámos alguns paralelos a nível da Península Ibérica.

Moldura

Banda branca com diamantes denteados: v.g., em Mérida, no ‘Mosaico geométrico y floral’, de finais do séc. II ou inícios do III, na casa romana de ‘Huerta de Otero, num mosaico de finais do séc. II ou inícios do III [Blanco Freijeiro, 1978, pp. 40-41 (n.º 25), fig. 7, lám. 49; p. 49 (n.º 56), láms. 87 a-88 a]; na *villa* de ‘El Hinojal, na decoração do campo de um mosaico do séc. IV [id., 1978, p. 51 (n.º 60), fig. 11, láms. 92 e 105]; em Conimbriga, num mosaico de finais da época antoniana [Bairrão Oleiro, 1973, pp. 26-44 (n.º 2), est. V]; na *villa* de Pisões, na decoração do campo dos mosaicos das salas 1, 2 e 15, datáveis do séc. II (Ribeiro, 1972, pp. 17-18 e 23, ests. 10, 11 e 14; Vargas Costa, 1988, pp. 101-102, 104-105, 113 e 120-121); num fragmento de mosaico bicromático da Luz (Lagos), em vários outros fragmentos policromos, dois de Ferragudo (Lagoa), um de Torrejão Velho e, ainda, outro proveniente de Torre d’Ares, todos eles depositados no Museu Nacional de Arqueologia [Saavedra Machado, 1970, p. 348 (n.º 4); p. 350 (n.º 6); p. 351 (n.º 7); p. 365 (n.º 21); p. 374 (n.º 30)]; na *villa* de Santo André de Almoçageme, no mosaico do peristilo, datado da 2.ª metade do séc. III (Caetano, 1989, pp. 95-99, fig. 1).

Trança com múltiplos cabos: v.g., em Mérida, no frag. n.º 3 da Calle Concordia, do séc. IV [Alvarez Martinez, 1990, p. 55 (n.º 7), lám. 25 a]; em Conimbriga, no mosaico do *triclinium* da ‘Casa das Suásticas’ e no *cubiculum* da ‘Casa dos Esqueletos’, ambos do séc. III (Bairrão Oleiro, 1986, p. 117).

Meandro de suásticas, formado a partir de uma trança de dois cabos: v.g., em Itálica, no ‘Mosaico de Hylas’, dos inícios do séc III [Blanco Freijeiro, 1978a, pp. 30-31 (n.º 6), fig. 4, láms. 17 e 18]; em Mérida,

nos frags. n.º 1, 2 e 4 da Calle Concordia, do séc. IV [Alvarez Martinez, 1990, pp. 54-57 (n.º 7), láms. 24 a-b, 25 b], no ‘Mosaico Geométrico’, do séc. IV [Blanco Freijeiro, 1978, pp. 33-34 (n.º 14), lám. 24 b]; em Navatejera, nos ‘Fragmentos con sogueado de esvásticas’, do séc IV [Blazquez *et alii*, 1993, pp. 36-37 (n.º 21), lám. 12].

Trança policromática de dois cabos sobre fundo escuro: v.g. na villa de El Hinojal (Las Tiendas, Mérida), no ‘Mosaico geométrico con cráteras’, no ‘Mosaico geométrico y de peces’, no ‘Mosaico con una Nereida’ no ‘Mosaico con cazador de pantera’ e no ‘Mosaico con cazador de jabali’, todos eles do séc. IV [Blanco Freijeiro, 1978, pp. 49-50 (n.º 58), fig. 11, lám. 91; p. 51 (n.º 62), fig. 11, lám. 92b; p. 51 (n.º 63), fig. 11, lám. 93b; pp. 51-52 (n.º 64), figs. 5 e 11, lám. 94b; p. 52 (n.º 65), figs. 11-12, lám. 95]; em Milreu-Estói, no mosaico mural do tanque, provavelmente de inícios da época constantiniana (Bairráo Oleiro, 1986, p. 120, fig.); em Faro, no ‘Mosaico de Oceano’, de finais do séc. II ou inícios do III (Lancha, 1985, pp. 151-175, figs.; Bairráo Oleiro, 1986, pp. 120-121, fig.); na villa de Torre de Palma, no ‘Mosaico das flores’, dos sécs. III ou IV (Almeida, 1975, pp. 220-225, pi. LXXXIV; Bairráo Oleiro, 1986, p. 122, fig.); na villa de Santa Vitoria do Ameixial, no mosaico com a cena de Ulisses e as Sereias, de finais do séc III ou mais tardio (Torres/Balil, 1979, pp. 5-18); na villa *Cardilius*, em mosaicos do séc. III (Bairráo Oleiro, 1986, p. 125, fig.); em Conimbriga, na ‘Casa dos Repuxos’, nos pavimentos do peristilo central, datáveis entre o último quartel do séc II e finais do séc. III (id., 1992, pp. 42, 52-59, 63-82, ests. 11, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26), nos mosaicos do *triclinium* e do n.º 11, ambos do último quartel do séc. II-1.º do III (id., 1965, p. 260, fig. 2; id., 1992, pp. 111-12, ests. 39 e 45); nos mosaicos de Arneiro, do séc. IV (Balil/Mañanes, 1980, pp. 17-23); em dois mosaicos de Martim Gil, Leiria, de finais do séc. III ou 1.ª metade da centúria seguinte (Borges, 1986, pp. 57-61, Anexo II, MG-I, 13 e 14; no mosaico da villa de São Miguel de Odrinhas, da 1.ª metade do séc. IV (Almeida, 1962, pp. 152-154); em Oeiras, num mosaico do séc. IV (Leite de Vasconcellos, 1916, pp. 142-145); no mosaico da villa de Lreiria, em Cascais (Cardoso/Encarnação, 1987, pp. 43-45, fig.).

Campo

Painel A: v.g. em Mérida, no ‘Mosaico Geométrico’, do séc. IV [Blanco Freijeiro, 1978, pp. 33-34 (n.º 14), lám. 25]; em Yecla, no

‘Mosaico con Peltas y Rectángulos’, do séc. IV [Blazquez, 1982, pp. 68-69 (n.º 67), lám. 26]; em Libreros, no ‘Mosaico con Caballo y Bustos’ [Blazquez, 1982, pp. 68-69 (n.º 50), lám. 41].

Painel B: v.g. em Liédana, no ‘Mosaico del lado Oeste del peristilo’, dos inícios do séc. III [Blazquez/Mezquiriz, 1985, pp. 38-40 (n.º 17), lám. 25]; em Mérida, na ‘Casa del Mitreo’, do séc. II no ‘Mosaico Geométrico’, do séc. IV [Bianco Freijeiro, 1978, p. 39 (n.º 19), láms. 41e 42], na ‘Casa del Anfiteatro’, do séc. III no ‘Mosaico Geométrico’, do séc. IV [Bianco Freijeiro, 1978, pp. 43-44 (n.º 38), lám. 70]; na *villa* de Los Quintanares (Soria), no ‘Mosaico con Meandro y coronas’, da La metade do séc. IV [Blazquez/Ortego, 1983, pp. 8-9 (n.º 8), lám. 5].

CRONOLOGIA PROPOSTA

Propomos provisoriamente para este mosaico - apenas baseados em critérios estilísticos - e com base nos paralelos apontados, uma cronologia circunscrita à segunda metade do século III.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA (D. Fernando de), 1962, «Notícia de mosaicos romanos em Odrinhas», *Revista de Guimarães*, LXXII (1-2), Guimarães, pp. 152-154.
- ALMEIDA (D. Fernando de), 1975, «Sur quelques mosaïques du Portugal - Torre de Palma et autres», *II Colloque. La Mosaïque Gréco-Romaine (Vienne 30 Août-4 Septembre 1971)*, C.N.R.S., Paris, pp. 219-225.
- ALVAREZ MARTINEZ (José Maria), 1990, *Mosaicos Romanos de Merida - Nuevos Hallados*, «Monografías Emeritenses - 4», Ministerio da Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, Merida.
- AMARO (dementino), 1994, «A industria conserveira na Lisboa Romana», *Lisboa Subterrânea. Catálogo*, M.N.A., Lisboa, pp. 76-79.
- AMARO (dementino), 1994, «A industria da salga do peixe na Baixa de Lisboa», *O Livro de Lisboa*.
- BAIRRÃO OLEIRO (J. M.), 1965, «Mosaïques romaines du Portugal», *I Colloque. La Mosaïque Gréco-Romaine (Paris 29 Août- 3 Septembre 1963)*, C.N.R.S., Paris, pp. 257-265.
- BAIRRÃO OLEIRO (J. M.), 1973, «Mosaicos de Conimbriga encontrados durante as sondagens de 1899», *Conimbriga*, XII vol.. Universidade de Coimbra, pp. 1-92.
- BAIRRÃO OLEIRO (J. M.), 1986, «Mosaico romano», *História da Arte em Portugal - Do Paleolítico à Arte Visigótica*, volume I, Publicações Alfa, Lisboa, pp. III-1 27.
- BAIRRÃO OLEIRO (J. M.), 1992, *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Conventus*

- Scallabitanus I. Conimbriga - Casa dos Repuxos*, 2 volumes, Instituto Português de Museus, Museu Monográfico de Conimbriga.
- BALIL (A.); MAÑANES (T.), 1980, «Estudios sobre mosaicos romanos VII - Notas sobre los mosaicos de Arneiro (Amai, Leiria)», *Studia Archeologica*, 59, Universidad Valladolid, pp. 17-23.
- BLANCO FREIJEIRO (Antonio), 1978, *Mosaicos Romanos de Merida (= Corpus de Mosaicos Romanos de España, fase. I)*, Instituto Español de Arqueología «Rodrigo Caro», Madrid.
- BLANCO FREIJEIRO (Antonio), 1978a, *Mosaicos Romanos de Italica (I) (= Corpus de Mosaicos Romanos de España, fase. II)*, Instituto Español de Arqueología «Rodrigo Caro», Madrid.
- BLÁZQUEZ (J. M.), 1982, *Mosaicos Romanos de Sevilla, Granada, Cadiz y Murcia Corpus de Mosaicos de España, fase. IV*, Instituto Español de Arqueología «Rodrigo Caro» del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- BLÁZQUEZ (J. M.); MEZQUIRIZ (M. A.), 1985, *Mosaicos Romanos de Navarra (= Corpus de Mosaicos de España, fase. VII)*, Instituto Español de Arqueología del Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- BLÁZQUEZ (J. M.), *et alii*, 1993, *Mosaicos Romanos de Leon y Asturias (= Corpus de Mosaicos de España, fase. X)*, Departamento de Historia Antigua y Arqueología, Centro de Estudios Históricos, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- BORGES (María Felisbela), 1986, *Mosaicos Luso-Romanos em Zona de Influência de Olissipo e Colípo*, 2 volumes, Dissertação Final de Mestrado em História da Arte apresentada na F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa (exemplar policopiado).
- CAETANO (María Teresa), 1989, «Primeira notícia sumária acerca dos mosaicos da villa romana de Santo André de Almoçageme (Sintra) - o pavimento descoberto em 1905», *Actas do Seminário Espaço Rural na Lusitania, Tomar e o seu Território*, Tomar, pp. 93-102.
- CARDOSO (Guilherme); ENCARNÇÃO (José d'), 1987, «Villa romana de Freiria - 2.ª campanha», *Informação Arqueológica*, 8,1.P.P.C., Lisboa, pp. 43-45 .
- ETIENNE, R. MAKAROUN, Y., MAYET, F., 1994, *Un Grand Complexe Industriel a Troia, Portugal*, Diffusion E. de Boccard, Paris.
- LANCHA (Janine), 1985, «La Mosaïque d'Océan découverte à Faro (Algarve)», *Conimbriga*, XXIV, Universidade de Coimbra, pp. 151-175.
- LEITE DE VASCONCELLOS (José), 1916, «Mosaicos romanos de Portugal. 4 Mosaico de Oeiras», *O Archeologo Portuguez*, vol. XXI, Lisboa, pp. 142-145.
- MANTAS, Vasco Gil, 1990, «As cidades marítimas da Lusitânia», in *Les Villes de Lusitane Romaine*, CNRS, Paris.
- RIBEIRO (Fernando Nunes), 1972, *A villa romana de Pisões, Beja*.
- SAAVEDRA MACHADO (João L.), 1970, «Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da arqueologia do Algarve. I - Catálogo de plantas, desenhos e mosaicos», *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*, I voi., Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 333-385.
- TAVARES DA SILVA (Carlos); COELHO-SOARES (Antonia); SOARES (Joaquina), 1986, *Conimbriga*, 32-33 (1993-1994), 283-294

- «Fábrica de Salga na Época Romana da Travessa de Frei Gaspar (Setúbal)», *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal)*, I.P.P.C., pp.
- TAVARES DA SILVA (Carlos); COELHO-SOARES (Antonia), 1987, «Escavações Arqueológicas no Creiro (Arrábida). Campanha de 1987», *Setúbal Arqueológica*, VIII, pp.
- TORRES (Mercedes); BALIL (Alberto), 1979, «Estudios sobre mosaicos romanos VI La escena de Ulises y las Sirenas del mosaico de Santa Vitória (Portugal)», *Studia Archeologica*, 53, Universidad Valladolid, pp. 5-18.
- COSTA (Maria Luisa Vargas), 1988, «Contribuição para o estudo de alguns dos mosaicos da *villa* romana de Pisões», *Arquivo de Beja*, vol. II, 2a série, Câmara Municipal de Beja, pp. 95-135.
- SILVA (A. Vieira da), 1987, *A Cerca Fernandina de Lisboa*, vol. I, 2.^a ed. (1.^a ed. de 1948), Lisboa.

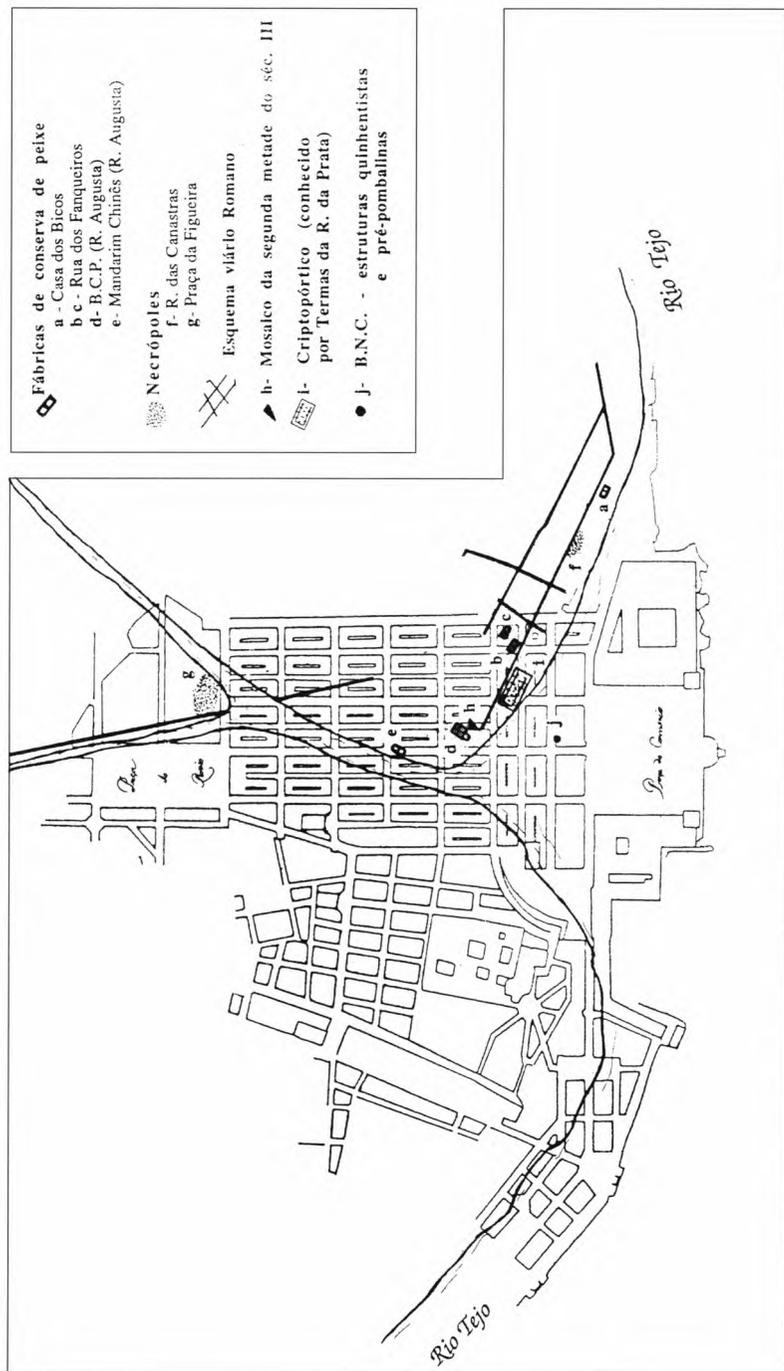


Fig. 1 – Localização de estruturas arqueológicas na Baixa Pombalina junto à antiga margem do rio Tejo

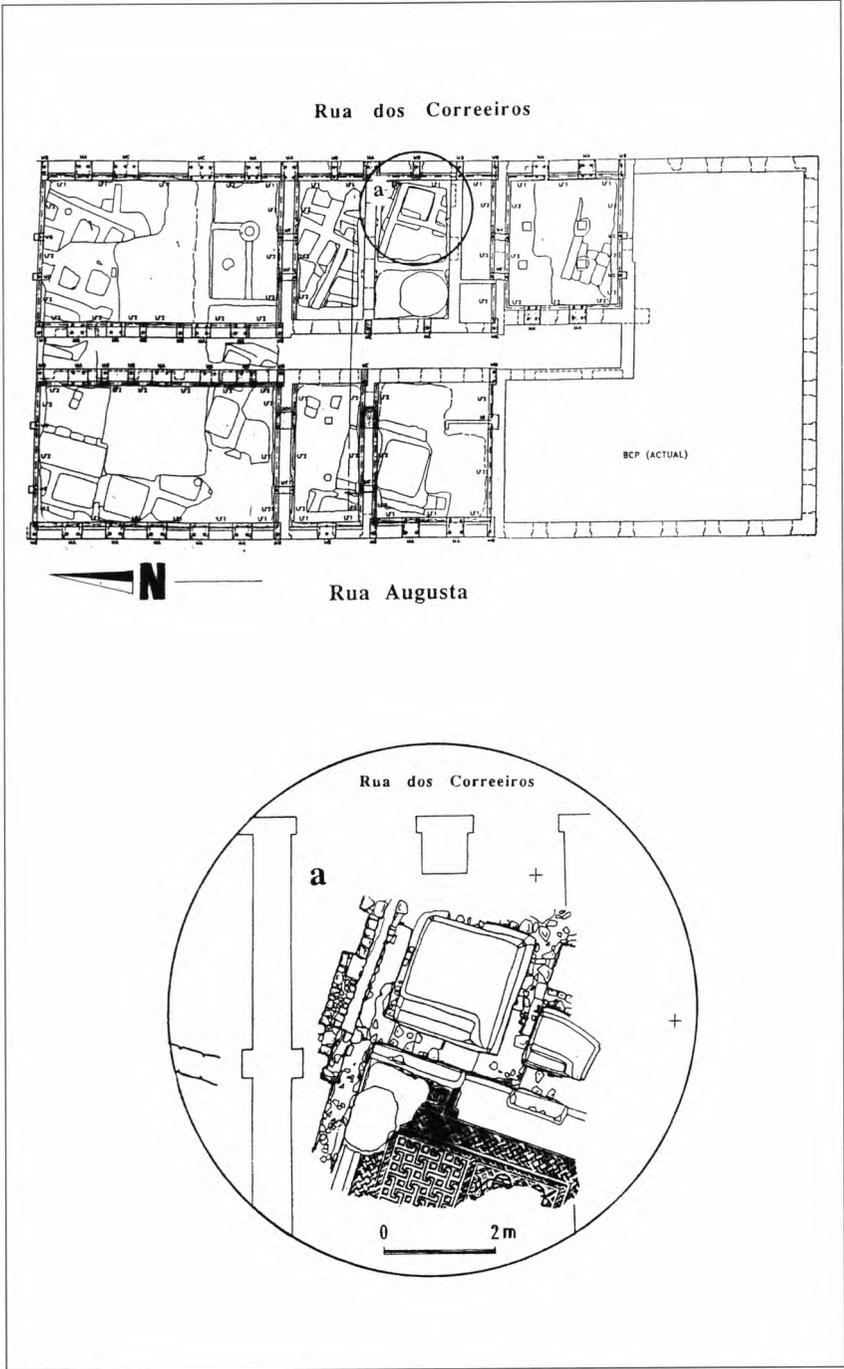


FIG. 2 – B.C.P. – Lisboa, Rua Augusta (IPPAR – Depart. de Arqueologia). Planta geral e pormenor da área do mosaico



FIG. 3



FIG. 4



FIG. 5



FIG. 6